

Visão Cósmico-Dinâmico-Escatológica em Teilhard de Chardin

FREI MARTINAZZO, O. F. M.

Teilhard de Chardin:

His eschatologic-dynamic-cosmic vision

Teilhard de Chardin as an intellectual, priest of the Church, member of the Society of Jesus, has in mind to make a special kind of apostolate. To this work he devoted the largest part of his books, and his life of thinking, full of personal sacrifices. To man of the twentieth century tired of the "geometric" metaphysics, of the notional escolastic phylosophy, of the phylosophy of the "absurd", of the atheistic scientifism, he wanted to present a "Weltanschauung" based on the conquest and thought of the best modern scientific culture, where the ideals of the gospel and the content of the christian doctrine should appear with a new strength. "Vetera novis augere".

He begins to circumscribe a world in evolution of the convergent type, that goes from the primitive material up to man, and from man to a future still to be constructed. By force of a dialectic process, at first deterministic, then conscientious, such a dynamic and convergent universe comes to states more and more interiorized, and requests a final point of maturity where all the lines of strength of the cosmos, all the creations and all the values of the human spirit will concentrate. It is the famous "Omega point" that suggests Christ "to come" to construct His Kingdom. The view of an antropology linked to the structure and destiny of a predestined universe, to be perfected in Christ, opens to man a new possibility of a mystic of the earth, which is realized through the spirituality of Encarnation, where the duty of a creative work and the mission of sanctifying the world are exercised in a renewed hope, enriched with a cosmic fundament.

A intenção de Teilhard de Chardin, na sua qualidade de intelectual, sacerdote da Igreja e membro da Companhia de Jesus, foi a de exercer uma particular obra de apostolado. A ela dedicou a parte mais expressiva dos seus numero-

sos escritos e tóda uma vida de reflexão, permeada de sacrifícios pessoais. Aos homens do séc. XX, cansados e descrentes da metafísica "geométrica", da Escolástica nocional, das filosofias do "absurdo" e do cientificismo ateu, deseja-

va oferecer uma *Weltanschauung*, baseada nas conquistas e nos quadros mentais da melhor cultura científica moderna, onde os ideais do Evangelho e o conteúdo mesmo da doutrina cristã aparecessem com um nôvo vigor. "Vetera novis augere".

Começa por configurar os traços de um **universo evolutivo** de tipo convergente, que se estende da matéria primitiva até o homem e do homem a um futuro ainda por construir. Por força de um processo dialético, primeiro determinista e depois consciente, tal universo dinâmico e convergente alcança estados mais e mais interiorizados e postula um ponto de maturação final onde se concentram tôdas as linhas de força do Cosmo e tôdas as criações e os valores do espírito humano. É o famoso **Ponto Omega**, que sugere singularmente o Cristo "que há de vir" para consumir o seu Reino. Ora, a perspectiva de uma antropologia ligada orgânicamente à estrutura e à sorte de um universo predestinado a aperfeiçoar-se em Cristo abre para o homem cristão a exaltante possibilidade de uma **mística da Terra**, que se realiza por uma espiritualidade de encarnação, onde o dever do trabalho criador e a missão de santificar o mundo se exercem no clima de uma esperança renovada, enriquecida de um fundamento cósmico.

1. — UNIVERSO EVOLUTIVO

Teilhard deseja permanecer estritamente um observador dos fenômenos do nosso universo sensível. Surpreende e formula as suas leis, prospecta teorias. Ele é um cientista. O seu método no entanto

é original, é uma ciência ampliada, uma "ultra-física" como ele mesmo diz (1). Por que?

Antes de tudo porque faz largo emprêgo do procedimento de **síntese**. A ciência positiva exata utiliza basicamente a análise, por onde examina, disseca e desmonta os seus fenômenos. Procura assim compreender a realidade a partir do mínimo. O método de Teilhard é o das ciências biológicas ("Naturwissenschaften") que encaram o seu objeto como um conjunto orgânico. Para compreender um sêr vivo é necessário não decompô-lo nos seus elementos, imaginando que êle se identifica com a soma dos mesmos. Engano. Uma planta por exemplo é um todo orgânico que como tal supera as características somadas das suas partes. O mesmo é válido em Psicologia, onde se mostra a insuficiência do "behaviorismo" elementarista que analisa os mínimos detalhes fisiológicos do homem, perdendo assim de vista o conjunto, a pessoa, o que é algo de mais profundo e original. Como a Biologia e a Psicologia, a ciência de Teilhard opera sob o signo da síntese.

Amplificada ela é também por uma sigular **extensão do seu objeto**. Com o seu olhar sintético, Teilhard pretende abranger o fenômeno total, "tout le phénomène", reunindo num mesmo painel todos os compartimentos da realidade que normalmente constituem o objeto das ciências particulares. Encara pois todo o universo, com todos os elementos que o compõem: elementos físicos, elementos bioló-

(1) Carta de 11-10-1936, Cf. Cuénot, C., Pierre Teilhard de Chardin les grandes étapes de son évolution, Plon, Paris, 1958, pp. 264-265.

gicos, elementos humanos, elementos reflexivos, conscientes, religiosos, cristãos (1). Tomando altura sobre os dados das diversas ciências físicas e biológicas (fatos, fenômenos), ele se coloca na posição de um espectador que de um astro distante estivesse espreitando o nosso mundo, assestando o binóculo sobre o nosso planeta. Tal espectador veria a lenta formação da terra a partir da difusão primitiva dos átomos que se comprimiram, dando origem à massa terrestre e criando aos poucos as condições para que sobre ela surgisse a vida. Depois de muitos milhões de anos, no coração dessa vida se instala uma consciência humana. É a fase atual. A consciência humana presentemente domina o universo pela força da sua inteligência e pela habilidade das suas mãos. Mais. A Humanidade se unifica, primeiro por pressões materiais, econômicas, demográficas, políticas e culturais, mas já são perceptíveis os sinais de uma coalescência pelo amor ("amai-vos uns aos outros"). O mencionado espectador assiste a um universo que se "amoriza" e se projeta a um futuro, prosseguindo aquela mesma lei que desde o princípio começou a unificar os átomos dispersos constituindo corpos, dentro dos corpos os seres vivos e dentro dos seres vivos o homem. Um processo, portanto, de unificação de elementos e emergência de estados psíquicos superiores.

É próprio do método de síntese penetrar intuitivamente o objeto e colhê-lo na sua estrutura orgânica e global. É o que faz Teilhard. Des-

cobre no nosso universo algumas estruturas ou **formas eidéticas**, como diriam os fenomenologistas, por ninguém jamais percebidas ou formuladas (leis). São elas a unidade e homogeneidade; a lei de "complexidade-consciência"; a evolução; a posição axial do homem no universo. Elas concorrem para delinear a figura de um cosmo evolutivo (teoria) que coincide com a própria visão de Teilhard, a qual, como qualquer teoria, se sujeita ao critério de validade da coerência com os fatos.

Unidade do mundo

Unidade fundamental de estrutura, de mecanismo e de movimento, que se manifesta sob duas faces: uma face externa, **'le dehors'** e uma face interna, **'le dedans'**.

A face externa de todos os seres do nosso universo é constituída dos átomos materiais, inertes e ponderáveis que os formam. Todas as substâncias minerais são compostas de prótons, neutrons e elétrons. Os mesmos elementos atômicos constituem o corpo das plantas, dos animais e do homem. A diferença que existe, sob o aspecto material, entre um bloco de matéria bruta e um organismo superior consiste em que num ser vivo os átomos constituem um edifício bem articulado, enquanto que na matéria eles estão acumulados num acervo caótico. Aqui uma montanha de fragmentos em desordem, lá um edifício de tijolos embricados compondo um conjunto orgânico e harmonioso. É uma diferença apenas estrutural que encobre uma unidade e homogeneidade material.

(1) *La vision du passé*, Seuil, Paris, 1957, p. 229.

A face interna é um psiquismo imponderável e espontâneo, igualmente presente em todos os seres do universo, revelando um outro aspecto da sua unidade de fundo. No átomo de hidrogênio, a mais simples das substâncias do Cosmo, o psiquismo é rudimentar, quase imperceptível, e se manifesta no estranho movimento de um elétron girando ao redor do seu núcleo. É inegavelmente uma atividade espontânea que não se reduz à grosseira entropia da matéria. Um átomo mais complexo já revela um psiquismo superior em forma de radioatividade ou emissão espontânea de energia, como é o caso do urânio. Numa planta o psiquismo alcança o estado superior de uma autonomia caracterizada pelas manifestações da vida: crescimento, alimentação, reprodução. No animal, além dos fenômenos da vida vegetativa, o psiquismo é acrescido da sensibilidade, da locomoção e dos reflexos de inteligência. No homem ele será a própria consciência, que se expande numa razão reflexiva, na liberdade e no amor.

Assim, de par a par, do primeiro ao último dos seres sensíveis, no seu "dehors" e no seu "dedans", intimamente relacionados, o nosso mundo se manifesta como uno e homogêneo (1).

Lei de "complexidade-consciência"

Ela representa uma rigorosa correspondência entre o grau de complexidade atômica (dehors) e a intensidade do psiquismo (dedans).

Quanto mais perfeita uma estrutura atômica, tanto mais evoluído

e capaz será o psiquismo que nela se manifesta. Numa pedra existe um acúmulo de "dehors", uma superposição caótica de elementos simples; nela portanto aparecerá um psiquismo, "dedans", parco e imperceptível. Num animal já existe uma admirável estrutura material em forma de células, tecidos e órgãos; correspondentemente, um psiquismo superior de sensibilidade e autonomia. Quanto mais perfeita a complexidade dos elementos, tanto maior será a interioridade.

A lei apresenta um elemento estático e um elemento dinâmico. Pelo seu elemento estático ela oferece a possibilidade de avaliar a consciência a partir do grau de complexidade. A complexidade material é pois o parâmetro da consciência. A partir dos mamíferos superiores, e do homem em particular, o índice da complexidade se localiza no cérebro, centro do sistema nervoso. — Pelo seu elemento dinâmico a lei indica uma curvatura e uma convergência psíquicas do mundo. Nos primeiros estágios da formação do universo os edifícios materiais eram imperfeitos e incapazes de manifestar um "dedans" mais expressivo. Mas na medida em que ele passa do átomo para o protozoário, do protozoário ao metazoário e assim por diante até os organismos superiores das plantas e dos animais nos períodos mais recentes, faz emergir, *pari passu*, estados de consciência cada vez mais intensos. A lei de "complexidade-consciência" é pois ao mesmo tempo lei de complexificação e crescimento. Ela permite datar os seres do universo (1).

(1) *Le phénomène humain*, Seuil, Paris, 1955, pp. 51-53.

(1) *Le groupe zoologique humain*, Albin Michel, Paris, 1956, p. 96; *L'avenir de l'homme*, Seuil, Paris, 1959, p. 140.

Evolução

Assim, ao famoso observador astral é dado vêr não um mundo estático, desde sempre perfeito e acabado, mas sim o espetáculo de uma evolução. Não um Cosmo, mas uma Cosmogênese.

O ponto de vista de um espectador de outro planêta é obviamente uma imagem. Na realidade o que de fato se observa são dados científicos que sugerem com força e clareza a estrutura evolutiva do universo. A geologia, que estuda a constituição da terra, sabe que esta se formou no decurso de muitos milhões de anos, por meio de erupções vulcânicas, erosões e sedimentações. Imergindo nas profundidades do solo, ela descobre camadas correspondentes a períodos diversos, cuja idade pode ser calculada com a precisão dos instrumentos radiológicos. A paleontologia, por seu lado, nos revela formas de seres vivos, animais e vegetais, que existiram num passado remoto e depois desapareceram. Acompanha a lenta formação dessas espécies, sua caracterização e extinção. A biologia, a partir da obra fundamental de Darwin, **The origin of species**, passa da simples descrição e classificação dos vivos para a consideração do seu desenvolvimento. Da mesma forma a história da civilização humana, os acontecimentos políticos, econômicos, sociais e intelectuais acusam um processo de desenvolvimento, uma trama de antecedentes e conseqüentes: estiram-se num "tempo". Admitir que no nosso universo sensível tudo tem uma história e acon-

tece num tempo, é admitir integralmente a evolução. Para Teilhard a evolução é um fato, uma condição preliminar para se empreender qualquer estudo sério. Negá-la seria travar uma luta errada e impossível contra a estrutura mesma do nosso universo sensível (2).

No entanto, é sabido como exatamente por causa da doutrina de evolução Teilhard sofreu e sofre resistências. O seu caso talvez seja comparável ao de Galileu, que em nome da ciência afirmava o heliocentrismo. Na época tal afirmação foi considerada herética e êle teve de retratar-se. Como bom filho da Igreja êle se submeteu. Mas — eis a aflição de um gênio! — mal acabava de subscrever o fatal documento, pronunciou as famosas palavras que passaram à história: **Eppur si muove**. Quanto à evolução importa lembrar aos que relutam diante da sua novidade e do seu "perigo" que ela já foi curiosamente antecipada pela doutrina das "rationes seminales" de S. Agostinho, na qual se admite que muitas criaturas estavam presentes desde o início da criação, mas apenas em germe, aguardando condições propícias e tempo oportuno para o seu aparecimento (1).

Teilhard apóia-se firmemente na concepção de um mundo evolutivo que marcha para uma convergência de edifícios materiais e para uma emergência de estados psíquicos superiores.

O homem centro da evolução

Se o mundo é uno e homogêneo, se êle está estruturado numa com-

(2) *Le phénomène humain*, p. 242; *L'apparition de l'homme*, Seuil, Paris, 1956, p. 288.

(1) Crespy, G., *La pensée théologique de Teilhard de Chardin*, Ed. Universitaires, Paris, 1961, pp. 136-141.

plexidade-consciência, se, enfim, êle é uma evolução que marcha de estados menos complexos e menos conscientes para estados mais complexos e mais conscientes, então o homem, no seu corpo e no seu espírito, como o ser dotado do cérebro mais desenvolvido e do psiquismo mais intenso, adquire naturalmente um lugar central nesse grande processo. Ele será o produto mais recente da evolução, "le dernier venu". O próprio resumo da evolução, êle é o herdeiro do patrimônio de um passado multimilenar e responsável pelo seu futuro. Por sua inteligência, por sua liberdade e por sua criatividade, êle é a própria evolução que emergiu num estágio superior, consciente e inventivo. Ele representa, numa palavra, a fase humana da evolução, a fase pensante ou seja a **Noosfera**. (2).

O mundo de Teilhard é uma superposição de esferas. Primeiro a geosfera, que integra a primitiva realidade anorgânica. Sobre a geosfera aparece um dia uma camada de vida: é a biosfera, que engloba e resume a primeira. Quando no seio da vida surgiu o pensamento, então uma esfera consciente envolve o nosso mundo: é a noosfera. No seio da noosfera prossegue o movimento de convergência em direção a uma unidade ulterior. Essa unidade, seguindo a lei de todos os processos, alcançará um ponto extremo e vai urgir o aparecimento de um novo estágio que, segundo Teilhard, será a consumação final numa teosfera, a esfera de Deus.

(2) *Le phénomène...*, pp. 27 e 30; *Le Groupe...*, p. 107.

2. — O PONTO OMEGA

Num conjunto de linhas convergentes pode-se calcular o ponto de encontro. Ora, se o universo é um processo de unificação e convergência, que atualmente está na fase humana, é lógico prospectar num futuro (que pode ser remoto) um ponto de maturação da convergência humana.

Teilhard reconhece os sinais inequívocos de uma coalescência humana em todos os setores, materiais, psíquicos, sociais e religiosos. Ou por bem ou por mal, o homem está confirmando as mesmas leis de unificação que provinham do fundo de um cosmo evolutivo. Hoje não se unificam átomos, mas homens. Haja vista o aumento demográfico. De tribos dispersas, habitantes das cavernas, em apenas cinco mil anos os homens já se comprimem uns contra os outros, necessitando unir-se e colaborar para sobreviver. Veja os fenômenos recentes da pesquisa científica, que por suas descobertas e por suas conquistas estabelece elos de comunicação e de interesse universal. Veja acontecimentos como a ONU, NATO, MCE, UNESCO, OEA, a decadência dos nacionalismos e dos colonialismos, a aproximação do Oriente e do Ocidente, o encontro e a mútua fecundação das culturas, os meios de comunicação, os movimentos sociais, os movimentos ecumênicos. Apesar das momentâneas hesitações e fracassos, representam vetores irreversíveis da marcha da humanidade em direção a uma unificação verdadeira.

O ponto de convergência da unificação humana, previsto pela ciência, é chamado por Teilhard de "Ponto Omega". A designação não

é fortuita, mas inspirada na doutrina de S. João, onde se anuncia que Cristo é o Princípio e o Fim, o Alfa e o Omega do universo (1). A sugestão é clara: segundo Teilhard, a humanidade, por aproximações gradativas, i. e, pelas razões de uma ciência e pelos apelos de uma Fé, marcha para a união e, finalmente, para a consumação em "Cristo-Rei, Senhor do universo".

Chegou o momento de especificar mais em detalhe o famoso "Ponto Omega", coração e paradigma de uma visão científica que em última análise "se sustenta pelo alto". A concepção não é unívoca, mas reveste-se de três significados distintos e subordinados que lhe completam o conteúdo.

Num sentido primeiro, Omega é de caráter puramente científico. Significa nada mais e nada menos do que o ponto de maturação da convergência universal. É uma afirmação lógica e necessária que decorre da admissão de um universo de tipo convergente. Quais serão as suas características concretas: a ciência não pode estabelecer com exatidão, porque êle se projeta num futuro "fora do tempo e do espaço" (2).

Num segundo sentido, o Omega de Teilhard chega à beira de uma filosofia. Já não é mais concebido como "alguma coisa" que vai acontecer no futuro, mas tem que ser "Alguém" já agora presente e atuante. Deve ser, portanto, uma Pessoa. Acompanhemos a reflexão de Teilhard, que deseja permanecer, talvez a muito custo, dentro de um procedimento científico. Os homens se unificam. Mas não existe

uma verdadeira união humana por motivos esportivos, comerciais, econômicos, políticos, científicos, et. Essas associações tôdas significam laços periféricos. O homem se unifica de verdade apenas naquele ligame íntimo que é o amor. Só o amor efetivamente é capaz de unir as pessoas. Sabem disso por experiência os verdadeiros amigos, e mais particularmente os esposos. Teilhard reconhece no amor uma verdadeira "energia", aquela mesma força unitiva que procede do fundo do cosmo e que na noosfera se humaniza. Ora, o amor, como tôda espécie de energia, necessita de um centro dinâmico.

As linhas magnéticas revelam a presença de um corpo imantado. O fluxo das águas se explica pelo centro de gravidade da terra. As marés são determinadas pela atração de um astro. A circulação do sangue se deve à presença de um coração. Assim também o amor que é uma energia supõe um centro de irradiação e atração. E dado que êsse centro centraliza pessoas, não pode êle mesmo não ser uma Pessoa. A realidade e o exercício do amor humano revelam a presença de um Centro pessoal superior, amante e amável, que recolhe e plenifica o amor das pessoas.

O raciocínio de Teilhard é uma curiosa transposição científica da filosofia da Ação de Blondel. Se o filósofo, a partir da contingência e da insuficiência da ação humana, conclui pelo postulado de uma Transcendência, Teilhard se apóia nas exigências científicas de uma "bio-energética" humana para mostrar, de um lado a contradição vital de uma morte definitiva do universo que se tornou "pensante",

(1) Apoc., I, 8.

(2) Le Groupe..., p. 156.

e de outro lado, correlativamente, a necessidade de um Centro Superior aonde se consumam e se salvam num "para sempre" as nossas melhores obras e as nossas mais profundas aspirações de verdade, de vida e de amor (1).

Num terceiro sentido, finalmente, Omega é de natureza teológica. Teilhard conscientemente transporta a sua visão a um plano de fé. Já não se trata mais de um ponto de vista científico, nem de uma reflexão "energética" ou filosófica, mas da Fé cristã. Uma vez que a evolução nos revela um Centro amante, transcendente e pessoal, então o homem de fé, "o cristão que compreende ao mesmo tempo a essência do seu Credo e as ligações espaço-temporais da Natureza, estará na privilegiada situação de passar a um gesto único de comunhão". I. e, identificar o Cristo da Revelação com o Ponto Omega que a perspectiva científica nos permite prever (2). Está aqui a coincidência possível com o Evangelho, que nos anuncia a segunda vinda de Cristo sobre as nuvens, em poder e majestade, para assumir e consumir o seu Reino e entregá-lo ao Pai, para que Deus seja tudo em todas as coisas: **en pási panta Theos** (3).

O Cristo, portanto, através de uma extraordinária perspectiva científica, aparece nesse pensamento como o Senhor do universo, rei e centro de todos os corações. Isso alcança evidentemente os grandes temas da Cristologia de S. João e S. Paulo, onde o Verbo

encarnado resume, atrai e consoma todas as coisas. Aí estão os fundamentos de uma Fé cristocêntrica, de uma espiritualidade de encarnação, de uma assim chamada "mística da Terra" que caracterizam profundamente uma Igreja inserida nas realidades temporais.

3. — MÍSTICA DA TERRA

Em quase todos os seus escritos, em particular no "Milieu Divin", Teilhard expande de modo ardente e vigoroso um cristianismo menos de evasão do mundo, mas de integração e conversão. A tarefa do apóstolo de hoje é converter para o Cristo e a ele fazer convergir todas as energias seletas do mundo. Santificar e sublimar os autênticos valores naturais e humanos, a ciência, a cultura, o progresso, todos os valores criados pelo espírito humano. "Jerusalém, ergue a tua cabeça. Olha a multidão imensa daqueles que constroem e daqueles que investigam. Nos laboratórios, nos estúdios, nos desertos, nas fábricas, no enorme crisol da sociedade, vês tu todos esses homens que labutam? Pois bem! Tudo o que por eles fermenta em arte, em ciência, em pensamento, tudo isso é para ti" (1). Com tenaz solicitude procurava descortinar aos olhos dos homens uma visão de coerência possível, fecunda e iluminante, entre as conquistas da ciência e as certezas da Fé. O caráter científico da sua obra confere ao pensamento uma especial nota de originalidade e atração. Daí que para muitos homens de hoje ele

(1) *L'Apparition de l'homme*, Seuil, Paris, 1956, pp. 232-233 e 373; Cf. também Martinazzo, E., *Teilhard de Chardin ensaio de leitura crítica*, Vozes, Rio, 1958, pp. 159-166.

(2) *L'Energie humaine*, Seuil, Paris, 1962, p. 192.

(3) *I Cor.* 15, 26-28.

(1) *Hymne de l'univers*, Seuil, Paris, 1961, p. 154.

aparece como simpático e acessível, e são numerosos os que nêle encontraram maior clareza e conforto para os seus conflitos, um caminho mesmo que os conduz a Deus, cuja face procuram e desejam adorar.

Teilhard realiza de certo modo aquilo que Harvey Cox aponta como uma imperiosa necessidade: "Se a Teologia quiser sobreviver e ter qualquer sentido para o mundo contemporâneo, não poderá apegar-se a uma visão metafísica do mundo nem cair na moda mítica. Terá de se pôr dentro do léxico vivo do homem urbano e secular" (2). Dêsse modo a sua visão científica pode ser encarada como um valioso preâmbulo da Fé cristã. Verdade é que o conhecimento de Deus vivo e verdadeiro permanece objeto de fé. Mas se êsse Deus corresponde às sugestões de uma ciência e ao postulado de uma filosofia, então a fé será mais humana, i. e., mais racional, "rationabile obsequium".

Uma "Weltanschauung" que revela um universo em marcha para estados mais e mais conscientes, concentrando-se numa esfera humana que se unifica e se "amoriza", postulando um Centro superior amante e amável, vem sugerir de modo bem concreto que uma **Revelação** sobrenatural de Deus ao homem não é algo tão absurdo e impossível como alguns humanistas e ateus o podem imaginar (3). É o que teólogos como K. Rahner tentam exprimir a seu modo, mostrando que dogmas fundamentais do cristianismo, como a visão beatífica, a graça e a encarnação cor-

respondem à dimensão essencial do homem que é a busca profunda de um "futuro absoluto" (4).

Por seu lado, a **Teologia da criação** cobra na perspectiva teilhardiana um fundamento cósmico, dando a sua real amplitude à cristologia de S. João e S. Paulo, onde o Cristo aparece como o Princípio e o Fim, aquêle no qual tôdas as coisas foram criadas, aquêle no qual tudo consta. O universo se centraliza no homem, o homem se aperfeiçoa em Cristo, e com Cristo se consuma na união definitiva com o Pai. "Tudo é vosso, vós sois de Cristo e Cristo é de Deus" (1).

Também o **ethos cristão** se apóia sobre novos motivos. Não mais agir de tal modo que se possa alcançar a vida eterna, sem um interesse real pelas criações e pelos valores humanos. A consciência de sermos herdeiros de um passado evolutivo multimilenar e responsáveis pelos destinos de um mundo que Deus colocou nas nossas mãos, abre-nos à obrigação de engajamento nas tarefas terrenas, nas conquistas da ciência, na promoção da cultura, na justiça social. É a realização do homem no mundo, tema central que Documentos eclesiásticos como "Gaudium et Spes" e "Populorum Progressio" se esforçam por colocar em relêvo. É uma maneira de bem compreender e corrigir o humanismo marxista, que a tantos entusiasma, redimindo-o da alienação de um terrenismo puramente imanente e por isso asfíxiante, e restituindo, por outro lado, à caridade cristã essa "dose sensibilizante de fé e esperança humanas

S. Paulo, 1969, p. 50.

(2) *A cidade do homem*, Paz e Terra, Rio, 1968, p. 274.

(4) Cf. *Do anátema ao diálogo*, Garaudy, R., Paz e Terra, Rio, 1966, pp. 30-31.

(3) Schillebeeckx, E., *Deus e o homem*,

(1) I Cor. 15, 26-28.

sem as quais, de direito e de fato, tôda religião aparecerá ao homem de hoje como insípida, fria e inassimilável" (2).

Por fim, a verdadeira **religião**, ou seja o relacionamento do homem no mundo com o Deus vivo, alcança em Teilhard de Chardin uma dimensão nova e concreta, e se realiza numa espiritualidade de santificação do mundo, conduzindo-o à plenitude do Cristo, Sabedoria do Pai, presente em tôdas as coisas. "Em virtude da Criação, e, ainda mais da Encarnação, nada é profano neste mundo, para quem souber ver. Desde as mãos que amassam o pão até aquelas que o consagram, a grande hóstia do universo não devia ser tratada e preparada senão com espírito de **adoração**". "Um cristão não pode ser um cético sôbre o futuro do mundo tangível. Não pode ser um desgostoso do trabalho humano. Infelizmente há muitos que, adormecidos numa penosa inconsciência, vivem como os outros homens, num semi-esfôrço, sem conhecer o agulhão do Reino de Deus que deve ser promovido a partir de todos os domínios humanos. É uma fraqueza e um engano que a nossa Fé não justifica. Melhor do que os gentios, nós devemos votar-nos de corpo e alma ao dever do trabalho criativo e construtor do mundo. Sondemos tôdas as muralhas. Experimentemos todos os caminhos. Escrutemos todos os abismos. É a vontade de Deus". "O Deus vivo e encarnado não está longe de nós, e como ao exterior da esfera tangível. Mas êle nos espera a cada instante na ação na obra do momento. Êle está, de

certa maneira, na ponta da minha pena, da minha pá, do meu pincel, da minha agulha, — do meu coração e do meu pensamento". "Ter consciência de que o trabalho humano aperfeiçoa o Reino de Deus, e que o esfôrço é uma participação na Cruz de Cristo, eis o privilégio do homem cristão. É a Deus e a Deus sômente que êle procura através da realidade das criaturas. Para êle todo o interêsse está nas coisas, mas na absoluta dependência da presença de Deus que lhes confere uma alma. Dessa forma, em si e nas suas mais pessoais realizações, não é a si mesmo que êle procura, mas Alguém que é mais do que êle, que é o Senhor da sua vida, das suas ações e do seu destino" (1).

Isso representa uma maneira moderna de praticar uma religião dessacralizada, purificada das heranças míticas, pagãs e maniqueístas, uma maneira moderna de participar na Cruz de Cristo ao ritmo de apêgo e desapêgo (effort d'engagement et effort de développement), uma maneira moderna, possível e compreensível de alcançar a santidade cristã. "Deus não é procurado numa identificação dissolvente com as Coisas, — nem numa evasão desumanizante fora das Coisas. Mas a êle se chega por um acesso ao Centro transcendente de tôdas as Coisas" (2).

O esfôrço de Teilhard de Chardin vem em auxílio do homem de hoje, fazendo-lhe ver que o Cristianismo bem compreendido, que valoriza e assume as melhores forças da Terra e se abre para um Deus transcendente, é provável-

(1) *Le milieu Divin*, Seull, Paris, 1957, pp. 54, 56, 58, 61, 66-67.

(2) *L'Activation de l'énergie*, Seull, Paris, 1963, p. 406.

(2) *L'Avenir de l'homme*, Seull, Paris, 1959, pp. 334-335.

mente a via única e necessária para a realização do verdadeiro humanismo. E assim êle se insere no coração mesmo da missão apostólica e profética da Igreja, que deve anunciar a Palavra da Salvação ao homem do séc. XX, cidadão de uma cultura tecnopolita e fortemente sensível aos valores da sua humanidade.

Se num primeiro momento a perspectiva científica de Teilhard pôde suscitar uma reação de impacto, medo e desconfiança, talvez um dia nela se reconhecerá, com gratidão, um contributo maior para discernir os "sinais dos tempos" e acrescer a **esperança** de uma Igreja peregrina, que vai ao encontro do Deus que vem.